

## UM MODELO PARA A ANÁLISE DA REGÊNCIA DE CLASSE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE FÍSICA

## A MODEL FOR THE ANALYSIS OF THE CLASSES DURING THE SUPERVISED APPRENTICESHIP OF PHYSICS

Ana Lucia Pereira Baccon<sup>1</sup>  
Sergio de Mello Arruda<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Londrina/Mestrado em Ensino de Ciências e Educação  
Matemática/anabaccon@ibest.com.br

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Física/renop@uel.br

### RESUMO

O presente trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado em andamento na UEL, que tem como objetivo apresentar a aplicação de um modelo para a análise da regência de classe durante o estágio supervisionado da licenciatura em Física. Tendo como foco o relacionamento professor-aluno, o modelo se constitui como um triângulo, tendo como vértices o estagiário, professor regente e os alunos. Os dados se referem à três estagiários, que realizaram a regência em um colégio central de Londrina. Para analisar a experiência, estamos utilizando a metáfora do “professor como um lugar”, tendo como referencial teórico a Psicanálise, principalmente a lacaniana, onde o conceito de transferência surge como central para que se construa esse “lugar”.

**Palavras-chave:** Formação de professores de Física; Saberes docentes; o professor como um lugar; psicanálise e ensino de ciências.

### ABSTRACT

The present work is part of a master's dissertation in process in State University of Londrina, that has the objective to present the application of a model for the analysis of the classes during the supervised apprenticeship of a Physics teachers' undergraduate course. Having as focus the relationship teacher-student, the model is constituted as a triangle, with the trainee, the teacher and the students as the vertexes. The data refer to three trainees, that accomplished the regency in a central school of Londrina. To analyze the experience, we are using the metaphor of the “teacher as a place”, having as theoretical framework the lacanian Psychoanalysis, where the transfer concept appears as central for that “place” to be built.

**Keywords:** Physics teacher formation; teacher knowledge; the teacher as a place; psychoanalysis and science teaching.

## INTRODUÇÃO

O objetivo geral do presente trabalho é apresentar uma reflexão sobre a formação inicial de professores de Física. Portanto, nos centraremos mais na questão da formação do estagiário, de como ele é visto pela instituição, quais os impactos das atitudes do professor regente e as influências que essa relação causa na sua formação. Apesar da importância de sua participação na formação inicial parece-nos que a grande maioria dos professores regentes não sabe ou não sente a grande responsabilidade diante da formação desse futuro professor<sup>1</sup>. No interior de muitas escolas, os estagiários ainda são vistos como um incômodo, no sentido de quebrar a rotina da sala de aula; ou ainda como um sujeito que está ali para tapar buracos, na ausência de algum professor.

Por outro lado, também temos observado que a situação do estágio ocorre em um contexto específico, no qual o professor representa uma referência fundamental para os alunos e para os estagiários. Ou seja, o professor acaba intervindo nessa realidade, promovendo mesmo que inconscientemente, um lugar de identificação pessoal, positiva ou negativa, nas relações que se estabelecem na sala de aula, podendo servir como modelo para os futuros professores.

Freud já havia nos alertado sobre a complexa tarefa de ensinar. Além das expectativas construídas sobre o professor, a partir da realidade e de suas práticas pedagógicas no interior da escola, parece que existe um saber que vai além dessas questões, um saber ligado diretamente a experiência, conforme afirma Tardif (2002). Um saber que não se ensina nos bancos das universidades, nem nos livros de formação de professores, mas que se constitui como que um pilar fundamental, sobre o qual se sustenta a prática docente cotidiana. Esse pilar parece ser construído principalmente a partir da prática, nas várias tentativas de ocupar o que estamos denominando de *lugar do professor*.

## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

O presente trabalho faz parte de um projeto que tem como objetivo geral investigar a construção dos saberes docentes e os impactos do estágio supervisionado na formação inicial de licenciandos das áreas ditas científicas, tendo como referencial teórico a psicanálise de orientação lacaniana, além dos referenciais usuais da formação de professores. Apresentamos aqui dados relativos ao curso de licenciatura em Física, da Universidade Estadual de Londrina, colhidos em 2004. A motivação para esse projeto surgiu da observação da reação dos estagiários de Física ao desempenharem pela primeira vez o papel de professores. Frente ao visível desconforto sentido por eles, algumas questões foram levantadas por nós. Quais as dificuldades da relação com os alunos durante a regência? Como o lugar do estagiário é sustentado (ou não sustentado) pelo professor regente? Qual é o impacto das observações de aula e da regência de classe nas perspectivas do estagiário sobre a profissão de professor? Como os estagiários aprendem a lidar com a frustração após uma aula não muito boa? Como as situações imprevistas e as “perturbações institucionalizadas” (interrupções na aula, provas e trabalhos de outros professores, etc) afetam o estagiário? Etc.

---

<sup>1</sup> Estamos seguindo aqui a seguinte convenção: estagiário (E) é o estudante da licenciatura; professor (P), o professor regente do ensino médio; alunos (A), os estudantes do ensino médio.

No curso de Física da UEL a disciplina de Prática de Ensino tem duração de 170 horas, das quais cerca de 70 envolvem trabalhos teóricos (discussões em sala, seminários, etc), sendo o tempo restante gasto com as demais etapas da prática de ensino propriamente dita: o processo de inserção do estagiário na escola, a observação de aulas e a regência de classe (30 horas). Os alunos são separados em grupos de 3 ou 2 estagiários. Na observação os estagiários ficam presentes em sala de aula, na posição de observadores (muitas vezes participantes), anotando atitudes e comportamentos do professor e dos alunos. Temos percebido que essa etapa parece ter duas funções principais: em primeiro lugar, a de proporcionar o contato com uma realidade, que embora conhecida, deve agora ser vivida pelo estagiário na posição de professor (ou futuro professor), e não mais como aluno. Essa etapa é uma preliminar para a regência, quando um dos estagiários assume a função de professor e o(s) outro(s) permanece(m) como observador(es). A expectativa é um pouco maior, porque nesse momento, o estagiário, com todo o seu empenho e desejo de ensinar, assume o lugar do professor, sentindo a grande responsabilidade que lhe cabe.

### UM MODELO PARA O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O processo de ensino e aprendizagem que ocorre na sala de aula se constrói principalmente pela qualidade das relações que se estabelece entre professor e aluno. Neste trabalho estamos enfocando a posição que o professor ocupa na construção do conhecimento do aluno, bem como o vínculo que se estabelece nessa relação. Estamos supondo que para ocorrer o efetivo exercício da docência é preciso que o professor se estabeleça com um “lugar”, onde se amarra o laço afetivo com o aluno. Como o estagiário no momento da regência assume o papel do professor, este também tem a possibilidade de criar e ocupar um lugar na sua relação com o aluno. Apesar da construção e sustentação desse “lugar”, quando ocupado pelo estagiário durante a regência de classe, dependa de diversos fatores, estamos propondo aqui um modelo que supõe que o estágio ocorre numa triangulação, na qual cada vértice é representado por um sujeito dessa relação: professor, alunos e estagiários.



Esse modelo aponta que o que se exige do professor, não é apenas um saber sobre o objeto de conhecimento (conteúdo) ou o planejamento da aula e de sua prática em si, mas também um saber sobre como ocupar um lugar no feixe de relações criadas no setting de aprendizagem, a partir do qual o processo pode ocorrer satisfatoriamente. Tardif (2002, p.49) deixa muito claro isso:

*“O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão que possuem, geralmente, um caráter de urgência.*

*Essas interações são mediadas por diversos canais: discurso, comportamentos, maneiras de ser, etc. Elas exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre um objeto de conhecimento nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetivá-la, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas”.*

Portanto, o processo de ensino e aprendizagem que ocorre na sala de aula se constrói principalmente pela qualidade das relações que se estabelece entre professor e alunos. Nessa relação, o professor além de mediador na construção do conhecimento tem um papel muito importante na constituição do aluno enquanto sujeito, na sua forma de pensar e de agir. Nesse sentido, podemos afirmar que o aprendizado do sujeito se dá no contato com a realidade, na interação com as pessoas que convive.

Tardif fala da importância dessa relação e que, acima de tudo, estamos lidando com seres humanos, não com números ou objetos. Portanto quando se trata de ser humano é necessário considerar os processos subjetivos, tanto de quem ensina, como de quem aprende, além de seus desejos, inseguranças, medos, ansiedades, etc. O professor ocupa um lugar na construção do conhecimento do aluno e nessa relação se estabelece um vínculo, ou um laço entre ambos.

Embora partamos dos pressupostos de que a prática é o foco principal, que os professores devem participar ativamente como formadores e que as teorias a serem desenvolvidas devem estar relacionadas às condições reais do exercício da profissão, acreditamos que a psicanálise deva entrar como elemento teórico central nesse quadro, pois trata-se, enfim de pensar a preparação do futuro professor para enfrentar os desafios do século XXI, a pós-modernidade e a falta de projetos que a caracteriza. Por isso, estamos usando o conceito de transferência como central na procura de uma nova interpretação das relações que ocorrem no interior da sala de aula. No contexto da transferência, podemos perceber que o professor ocupa o lugar que o aluno designa para ele. É na relação transferencial que se estabelece o laço, o vínculo afetivo, que permeia a relação professor-aluno.

## **O PROFESSOR COMO UM LUGAR**

Para explicitar a metáfora do “professor como um lugar” (BACCON e ARRUDA, 2004), utilizaremos alguns conceitos da psicanálise de orientação lacaniana (MILLER, 2004). É preciso enfatizar aqui, que na Psicanálise esse lugar não está implicado como extensão, mas sim como o lugar por onde temos que passar, onde espaço e tempo estão ligados um ao outro de modo inédito como nos diz Miller. E continua: “É assim então, que o tempo me conduziu ao lugar, e a ele ajuntei o laço... O resultado é esta espécie de lugar fundamental... É nisto que o analista é um “lugar” – e que nesse lugar se estabeleça um laço” (MILLER, 2000:5). Esse laço é estabelecido através da transferência.

Lagache afirma que a transferência “é no sentido mais estrito, um deslocamento de afeto para a pessoa do analista” (p.103), e ainda afirma que esta se aplica não só à pessoa do analista, mas ao ambiente analítico. Lacan, não considera a transferência, uma exclusividade da análise, porque o fenômeno da transferência é constante, está presente nas relações, e pode ser instaurada em qualquer relacionamento entre pessoas, onde haja identificações uns com os outros.

A transferência também pode ser aplicada fora do ambiente analítico, e assim como o analista pode ser esse “lugar”, e é nesse lugar que se estabelece um “laço”, também podemos transferir tal situação para o ambiente de aprendizagem escolar. Portanto, dentro do contexto da transferência, podemos perceber que o professor ocupa o lugar que o aluno designa para ele. É nessa relação transferencial que se estabelece o vínculo afetivo, que permeia a relação professor e aluno. A construção desse laço só é possível a partir de uma suposição básica que o sujeito faz a respeito do analista, qual seja, a de que este tem a chave ou o saber sobre o sintoma e sobre sua resolução, o que Lacan denominou de *sujeito suposto saber*. Assim também no ambiente de aprendizagem, o aluno confere ao professor a posição Sujeito Suposto Saber, outorgando ao mesmo, confiança e o direito de ensinar. O professor nesse momento é colocado em posição de ser aquele que sabe, chamado por Lacan, de o grande Outro, que é a referência para toda palavra proferida, de todo pensamento elaborado. A transferência é que faz o elo das ligações significantes, das ligações com o outro, e pode ocorrer no interior do ato educativo, na relação professor-aluno, onde o exercício da palavra ocorre o tempo todo.

Miller nos últimos anos tem falado muito sobre isso, da importância de marcar o lugar e o laço e afirma ainda: “Um psicanalista pode ser definido como um lugar que exige que se coloque algo de seu” (MILLER, 2000:2), e ainda afirma que “colocar algo de seu é pagar com a sua pessoa...” (ibid: 2). Podemos entender então, que colocar algo de seu, é viver o seu próprio estilo, e para Lacan, o estilo é “o homem a quem nos endereçamos”. Nessa troca o sujeito espera do outro um reconhecimento, em última instância, o amor. Portanto, na transferência ocorre uma demanda de amor, que se apresenta na relação professor-aluno e que influencia o processo de ensino-aprendizagem.

Construir o “lugar” não é tarefa fácil e faz parte de um saber que não se aprende nas universidades, nem encontra receita para isso em livros, nem mesmo em livros de formação para professores, pouco se sabendo sobre ele. Primeiramente, a construção do lugar, tem a ver com a criação do laço. Mas o que é fazer laço? O que é fazer laço com o professor ou com o lugar que ele ocupa? Como ponto primordial para a construção do lugar, apontamos o contexto escolar, pois é nele que se desencadeia a relação professor-aluno. É através dessa relação, que o professor demonstra um saber, que tem a ver com saber relacionar-se, onde ocorre o afeto, onde a transferência se instaura. Como nos diz Forbes: “... nenhuma ação vinga sem... a afeição entre os cidadãos...” (FORBES, 2003:50). Portanto, a chave para a construção do lugar é a relação professor-aluno.

Na construção do lugar, além do professor colocar algo de seu, este precisa sentir que pertence a esse lugar. Para que isso aconteça, a escola precisa ser vista como lugar privilegiado para a construção do saber, para a formação do sujeito, onde o aluno possa sentir que também pertence a esse lugar, que pertence a um grupo, que pertence a alguém. Alguns professores sentem que não pertencem a lugar nenhum, por isso, não conseguem sustentar e nem falar a partir do seu lugar. É preciso que esse sentimento de pertencimento surja no interior de nossas escolas, e que professor e aluno definam seus lugares.

## **METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

A fonte de dados para esse trabalho consistiu nos textos retirados das transcrições das entrevistas semi-estruturadas (BODGAN E BIKLEN, 1994) e dos relatórios de regência dos estagiários. Buscamos nessas fontes, informações sobre como se desenvolveu o estágio,

as dificuldades encontradas, como se deu à relação professor-estagiário-aluno e como o estagiário construiu, ou não o seu lugar como professor.

Esta pesquisa apresenta o estudo de caso de um grupo formado por 3 estagiários, que estão sendo designados pelas letras E1, E2 e E3, sendo E1, do sexo feminino; E2, do sexo masculino e E3 do sexo feminino. O grupo realizou a etapa da observação e regência, com a mesma professora. E1 ministrou aulas para o 3º ano do ensino médio. E2, para o 1º ano do ensino médio na turma C e E3, ministrou aulas para o 1º ano, na turma D. Durante a entrevista, o grupo parecia se sentir muito à vontade. Os três estagiários falaram muito da experiência do estágio, suas expectativas iniciais e o desenrolar do processo todo. Foi possível perceber também que o estagiário E2, se destacou mais, tanto na entrevista, como na regência. Havia inclusive uma admiração por parte de suas colegas de grupo. Apesar da professora regente envolvida com o grupo, não ter apoiado os estagiários durante esse período, o impacto do estágio e a regência em si, contribuíram para o desenvolvimento da formação profissional de ambos.

### **O caso da estagiária E1**

A estagiária E1 ministrou 10 aulas, para o 3º ano do ensino médio, turma B. Chamaremos a professora responsável por essa turma de P1. Nos trechos das entrevistas e dos relatórios dos estagiários podemos perceber que P1, quase não deu sustentação para que os estagiários construíssem o seu lugar e, segundo eles, só “atrapalhava”:

E1 - Com relação à professora ela sempre atrapalhou; o comportamento dela em sala era péssimo. Ela fazia chamada na hora que eu estava explicando, recolhia trabalho, não só comigo, com os três. Na hora que estava explicando a matéria, conversava com aluno, quando não puxava assunto com os outros estagiários que estavam observando, ela só atrapalhou.

Além da professora, atrapalhar as aulas de E1, com certas atitudes, seu comportamento em alguns momentos, impressionou os estagiários, dando a impressão que “não estava nem aí”, para a presença dos mesmos na sala de aula. Vejamos na fala de E1:

E1 – (...) em todas as minhas aulas ela dormia e os alunos ficavam rindo, dela estar dormindo assim; prestavam mais atenção nela do que em mim, acho por que era muito divertido né.

As atitudes e comportamentos da professora incomodavam tanto, que E1 chega a afirmar que se a professora não estivesse na sala, seria melhor, porque ela distraía os alunos. Nos trechos da entrevista e relatório de E1, podemos perceber que P1, não procurou conduzir, ou sustentar o lugar de E1, enquanto professora. Mas, E1, não se deteve nas atitudes e comportamentos da professora e se empenhou para construir e sustentar o seu lugar enquanto professora, procurando conhecer a turma e interagir com ela:

E1 - A sala era dividida em dois grandes grupos e as conversas com alguns alunos após as aulas me permitiram entender um pouco essa divisão. Estas conversas também me propiciaram saber um pouco da vida de alguns deles, o que me permitia conquistar a simpatia deles.

Aos poucos, E1 realmente foi conquistando o seu “lugar”, pois com o tempo os alunos até justificavam suas atitudes para ela. Vejamos:

E1 - Um fato bastante interessante é que os alunos vinham no final da aula justificar a ausência dos outros ou até mesmo explicar porque no meio da aula estavam rindo ou qual era o assunto da conversa, o que me parecia ser um sinal de respeito.

Segundo relato de seus colegas estagiários, além dessa proximidade que E1 construiu com os alunos, ela sempre procurou ser atenciosa, procurando explicar os conceitos de maneira clara e didática. Foi bastante criativa em relação à exemplificação dos conceitos abordados, fazendo com que a Física não adquirisse um caráter estritamente abstrato. A utilização de objetos demonstrativos (tais como pilhas) e freqüentes discussões qualitativas conseguiam chamar a atenção dos alunos e fazer com que suas aulas tivessem um grande diferencial, resultando em comentários positivos por parte dos próprios alunos, fazendo com que os alunos, desejassem que ela ficasse:

E1 - Na última aula, quando eu comentei que não daria mais aulas, eles pediram para que eu continuasse. Comentaram que gostaram das aulas, que eu havia explicado bem o conteúdo.

Apesar de toda dificuldade e falta de apoio da professora regente da sala, podemos afirmar que E1 conseguiu estabelecer um laço, uma relação de respeito mútuo com os alunos e obter o reconhecimento como se fosse a professora efetiva dos mesmos, construindo, portanto, o seu lugar.

### **O caso do estagiário E2**

O estagiário E2 ministrou 10 aulas para o 1º ano do ensino médio, turma C. A expectativa de E3 em relação à sala de aula era muito grande, porque nunca tinha ministrado aula antes; por isso, tinha uma preocupação se iria “dar conta do recado”. Além disso, no início da regência, ele estava se recuperando de um acidente no qual havia fraturado o pé e, como ainda não estava completamente recuperado, imaginava que isso pudesse ser razão para “piadinhas” e “gozações” por parte dos alunos. Mas a expectativa do primeiro momento foi superada. Vejamos em um trecho do relatório de E2:

E2 - Finalmente para a minha alegria, o primeiro contato havia sido contagiante: a sala se demonstrava em relativo silêncio, os alunos pareciam estar atentos ao que eu falava e participavam, na medida em que eram indagados sobre diversas questões.

E2 com seu estilo próprio, com sua simpatia e desenvoltura, conseguia fazer com que os alunos participassem e se interessassem pela aula. As piadas e brincadeiras que utilizava, serviram, muitas vezes, como recurso para tornar a matéria mais interessante e despertar nos alunos vontade de aprender. Além disso, E2 manteve uma boa relação com os

alunos, procurando aprender o nome de todos. Chamá-los pelo nome também foi um meio de ter a atenção e participação deles. Vejamos:

E2 - Nesta aula eu já conseguia me dirigir a grande parte dos alunos chamando-os pelos nomes e essa estratégia foi recompensadora, pois contribuiu muito para a minha aproximação com a sala com a sala, o que acredito ser item de fundamental importância para uma boa relação professor-aluno.

Além disso, E2 sempre procurou aproximar a Física ao cotidiano. Tinha uma preocupação com a aprendizagem dos alunos, por isso, procurava sempre ser paciente com eles. E2 tinha um estilo diferente de ser, que tornava sua aula diferente, e na opinião da outras estagiárias era uma aula muito boa. Vejamos:

E3 - Não, elas são realmente boas. Ele consegue bastante atenção dos alunos, sabe de chamar os alunos, dar bronca; sabe o nome deles, isso leva a uma intimidade maior com os alunos.

Podemos perceber que E2, construiu o seu lugar, com seu estilo e empenho, porque se dependesse da professora, seria difícil, pois assim como nas aulas de E1, ela não deu “respaldo” nenhum para E2:

E2 - É ela não deu respaldo nenhum. Por exemplo: “Olha você podia acelerar mais a explicação”.

E também tinha o mesmo comportamento em sala, chegando até dormir durante a aula:

E2 - Eu acho que não é por querer, mas tinha aula que ela dormia.

Portanto, P1, não deu sustentação para a construção do lugar para E2, e também não teve compromisso diante de sua formação. Mas apesar disso, E2, conseguiu ir construindo o seu lugar, e o estágio supervisionado, resultou em uma experiência produtiva para E2:

E2 - Por final posso concluir que o estágio foi bastante motivador. Primeiro porque através do mesmo pude firmar meu ideal em ser professor; segundo, porque a experiência do “primeiro contato” com uma sala de aula fora superada; e terceiro, porque pude constatar que ainda existem chances e maneiras de se desempenhar o papel de professor com qualidade que o mesmo carece, pois, de certa forma, houve colaboração por parte dos alunos para que isso ocorresse.

Podemos dizer que com essa ultima frase, E2 revela sua consciência da importância do outro na criação e sustentação do lugar do professor. O lugar é algo que o outro nos concede, mediante o estabelecimento de uma relação transferencial positiva.

### O caso da estagiária E3

A estagiária E3, ministrou 11 aulas para o 1º ano, na turma D, também pertencente à professora P1. Assim como P1 não se empenhou para ajudar E1 e E2, também não fez diferente com E3. Vejamos:

E3- Por ela, era nada. Nada de dar dicas sabe, de tentar ajudar, de tentar intervir, porque às vezes ela até dormia. Então, eu acho que para ela é assim: “Vocês estão fazendo isso porque vocês precisam e eu estou cedendo meu espaço, e pronto!”

P1, dava a impressão que era indiferente para com a presença dos estagiários, como se tivesse receio que os estagiários ocupassem o seu lugar; talvez, por isso, não desse autoridade para que eles tomassem decisões:

E3 - E ela, por exemplo, os alunos não pedem assim para nós. Tem uns que ainda pedem, mas tem uns que não pedem para ir beber água. E a coisa é assim, eles não pedem para quem está lá na frente, pedem para ela, e ela permite. Então ela nós dá (autoridade) assim: “Você está dando aula.” Mas ela não nós dá autoridade total dentro da sala de aula sobre os alunos. A mesma coisa na aplicação da prova, os alunos perguntaram (para a professora): “Terminou pode sair?”

Podemos perceber isso também na seguinte fala de E3:

E3 - Sobre a prova, um fato interessante é que mesmo eu ministrando aulas na turma, ter elaborado e estar aplicando a prova, a professora foi quem ditou as regras durante a prova: eu havia falado que ninguém poderia entregar a prova antes de um determinado horário, mas a professora começou recolher as provas de quem ia terminando, sem respeitar o que eu havia falado.

Apesar de todas essas atitudes e comportamento de P1 e E3 ter sofrido uma certa rejeição no começo, por parte de alguns alunos, ela persistiu na construção do seu lugar enquanto professora. Tanto que aqueles alunos que a rejeitaram no começo, passaram a ajuda-la posteriormente:

E3 - É na minha sala tinha bastante intervenção desse tipo. Até que a dita cuja da ALUNA T, sabe, depois que eles zeraram na prova, que eu tive que dar uma outra revisão na aula. Daí eu tive que aplicar uma outra prova, até a ALUNA T se mobilizou na sala dizendo: “Não gente pelo amor de Deus, fica quieto eu preciso de nota”, não sei o que! Então, tipo assim, um chamando a atenção do outro, porque eles precisam de alguma coisa. Então na minha sala teve bastante isso.

Com o passar do tempo, os alunos freqüentemente afirmavam que estavam aprendendo Física com ela, e que gostariam que ela permanecesse como professora deles:

E3 - Assim, uma coisa que era legal, que o E2 falou, como essa menina que veio falar: “Ah, hoje eu não vou assistir aula não, você não vai dar aula hoje.” Porque quando eu falei que não ia mais dar aula para turma né, essa menina que mais se esforçou falou assim: “Ah, mas agora que eu estou aprendendo Física professora.” É a professora ali do lado sabe!

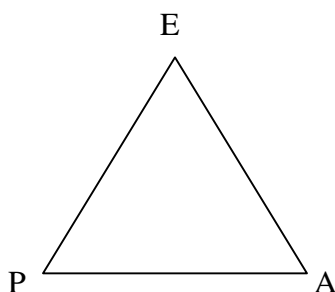
Independente da ajuda da professora, E3, conseguiu construir o seu lugar, junto aos alunos. Para E3, o estágio teve um papel muito importante, pois:

E3 - O estágio ajudou a tirar o medo de enfrentar uma sala de aula e colocou questionamentos sobre a minha prática.

Portanto, o estágio, além de proporcionar a oportunidade da construção do lugar do professor, para E3, também contribuiu para sua reflexão e formação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos acima, construir o lugar, é fazer um vínculo, é amarrar um laço. E amarrar laço é permitir que a transferência se instaure. Portanto, buscaremos então, perceber, dentre os estagiários, quem conseguiu manejar a transferência, independente do apoio do professor titular, ou dos alunos, ou de qualquer outro fator, já que construir o lugar é colocar algo de seu, é algo que tem a ver com a subjetividade de cada um. Faremos isso, tendo como base o modelo do triângulo do estágio supervisionado. Basicamente, o modelo funciona da seguinte maneira:



O triângulo representa o contexto em que o estágio supervisionado ocorre. No caso do grupo analisado, podemos afirmar que somente a variável E, o estagiário, muda; P, o professor, é o mesmo para cada caso; e A, a variável que representa uma turma de alunos, podemos com certa margem de erro, considerar como invariável: ou seja, o comportamento das turmas não variou apreciavelmente nos casos analisados. É nesse contexto, que expressa as variáveis presentes nas relações interpessoais durante a regência de classe, que se dá ou não a construção de um lugar. Vejamos então, como se deu essa construção, para cada estagiário:

**Estagiária E1** - Não teve problemas de relacionamentos com os alunos da sua turma. Apesar de afirmar que a P1 sempre atrapalhava, seja fazendo chamada na hora em que estava explicando, seja tirando a atenção dos alunos, quando dormia na sala, E1

conseguiu trazer os alunos até ela, com seu jeito de ser. Parece que E1, conseguiu colocar algo de seu, pois, os alunos inclusive, tinham a preocupação de justificar suas atitudes, ou comportamentos na sala de aula. Pela análise dos trechos da entrevista e do relatório, pudemos perceber que E1, conseguiu construir o seu lugar como professora, pois conseguiu amarrar um laço com seus alunos, ou seja a transferência foi instaurada, tanto que seus alunos queriam que ela continuasse.

**Estagiário E2** – Foi o estagiário que mais se destacou no grupo. Parece que a transferência já se instaurou desde o primeiro momento nas suas turmas. E2 com seu jeito de ser, além de despertar a atenção dos alunos, construindo seu lugar de professor, também conseguiu o mesmo com as próprias colegas de grupo. Para ele o estágio foi uma experiência positiva, dando-lhe a certeza de continuar no caminho para ser professor.

**Estagiária E3**: Apesar de E3, ter encontrado um pouco de resistência no começo de sua regência e de não ter o apoio da professora titular, aos poucos, foi conquistando e construindo o seu lugar. Com o passar dos dias, E3, foi obtendo a confiança, inclusive dos alunos que a rejeitaram no começo; esses próprios alunos, passaram a ajudá-la, exigindo da turma silêncio na hora em que estava explicando. Com seu jeito de ser, E3 também foi construindo o seu lugar, pois quando disse que não iria mais dar aula, os alunos contestavam, e afirmaram, que agora estavam aprendendo Física, ela ia sair. Além de E3 ter conseguido construir o seu lugar, para ela o estágio foi produtivo, e ela ainda, teve oportunidade de refletir sobre a sua prática.

Em resumo, para esse grupo, o estágio supervisionado, em particular a regência de classe, se constituiu no geral como uma experiência positiva. Entretanto, nem sempre isso é observado. Em muitos grupos, estudantes relatam nos relatórios ou nas entrevistas suas decepções e frustrações com o comportamento indiferente ou desrespeitoso dos alunos. Nesses casos, por mais que o estagiário tente, não há uma resposta positiva por parte dos alunos e a transferência não se estabelece. A garantia de sucesso no estágio não está, pois, exclusivamente nas mãos do estagiário, pois no triângulo das relações que se estabelecem na sala de aula, durante o estágio, todos os atores são igualmente importantes.

## REFERÊNCIAS

- BACCON, Ana Lucia Pereira; ARRUDA, S. M. O professor como um lugar: um enfoque psicanalítico da relação professor-aluno. Trabalho apresentado na I Jornada de Trabalho do NUPPE. USP e IPLA. SP, 17 e 18 de dezembro. 2004. No prelo.
- BOGDAN, R e BIKLEN, S. Investigação Qualitativa em Educação. Porto Editora: Portugal. 1994.
- FORBES, J. Você quer o que deseja? São Paulo: Editora Best Seller. 2003.
- LAGACHE, D. A Transferência. São Paulo: Martins Fontes. 1990.
- MILLER, J. A. O lugar e o laço. Aula 1 e aula 5, novembro, 2000.
- MILLER, J. A. 1, 2, 3, 4. Phoenix, n. 4, 9-42, abril 2004.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Ed. Vozes. 2002.